



FAIXA DE GAZA

Fome ameaça geração com danos permanentes

Um terço dos 2,1 milhões de cidadãos do território palestinos nada comem há dias, adverte agência da Organização das Nações Unidas. Especialista vê a utilização da privação de alimentos como arma de guerra por parte do governo de Israel

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma geração inteira de crianças palestinas está ameaçada de sofrer danos mentais, físicos e sociais permanentes provocados pela fome em massa prolongada, advertiram especialistas. De acordo com o Programa Mundial de Alimentos da Organização das Nações Unidas (PMA), um em cada três moradores da Faixa de Gaza está há dias sem comer. São 700 mil palestinos sem qualquer tipo de acesso a alimentos. “A crise alimentar em Gaza atingiu níveis de desespero sem precedentes. Quase uma em cada três pessoas não come por vários dias. A desnutrição está aumentando consideravelmente, com 90 mil mulheres e crianças que necessitam de tratamento urgente”, indicou o PMA por meio de um comunicado enviado à AFP. Ontem, mais nove crianças morreram de fome, em Gaza. Nas últimas três semanas, foram 57 mortos — 35 adultos e 22 crianças.

A organização não governamental Médicos sem Fronteiras (MSF) anunciou que triplicou o número de crianças com menos de 5 anos que deram entrada na clínica da ONG, na Cidade de Gaza, com um quadro de grave desnutrição. Um quarto de todas as gestantes ou lactantes monitoradas pela MSF no território palestino também sofre de desnutrição.

Comissário-geral da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA), Philippe Lazzarini denunciou, ontem, uma fome em massa construída e deliberada em Gaza. “Hoje, mais crianças morreram, com seus corpos emaciados pela fome”, lamentou. “O sistema de distribuição de comida falho (GHF) não foi planejado para abordar a crise humanitária. Ele serve a propósitos militares e políticos. É cruel, à medida que leva mais vidas do que salva”, acrescentou, em alusão à Fundação Humanitária de Gaza, a organização não governamental em cujos centros de distribuição quase mil palestinos foram assassinados por disparos de tanques e de drones israelenses. “Israel controla todos os aspectos do acesso humanitário,

AFP



Crianças aguardam para receber refeição em cozinha mantida por instituição de caridade, na cidade de Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza

seja fora ou dentro de Gaza. (...) Hoje, a UNRWA tem o equivalente a 6 mil caminhões com comida e assistência médica presos no Egito e na Jordânia.” Um dos maiores especialistas em fome no mundo, o britânico Alex DeWaal — diretor-executivo da ONG World Peace Foundation — afirmou ao **Correio** que tem estudado o tema e as crises humanitárias há mais de 40 anos. “Quase todas as fomes modernas são produzidas pelo homem, no contexto de conflitos, e usadas rotineiramente como arma de guerra. O que torna Gaza única nos anais da fome é a extensão em que a fome ali é meticulosamente planejada, minuciosamente arquitetada, para infligir privação individual e trauma social aos palestinos de Gaza.” Ele destacou que a fome é um fenômeno tanto biológico quanto

Omar Al-Qattaa/AFP



Yazan, 2 anos, fotografado em Al-Shati (oeste): cena comum

social. “É tanto a experiência do corpo se definindo quanto a experiência coletiva de desumanização, de destruição do tecido social. Quando a fome é usada

como arma de guerra, o propósito mais comum não é matar as pessoas de fome, mas destruir a sociedade que está sob ataque”, advertiu o estudioso, autor de *Mass*

starvation: the history and future of famine (“Fome em massa: a história e o futuro da fome”).

DeWaal lembrou que milhares de caminhões com ajuda aguardam para cruzar a fronteira de Israel com Gaza ou esperam a liberação de documentos em postos de detenção dentro do território palestino. “A comunidade internacional detém os recursos, as habilidades, as redes e os planos para fornecer um fluxo maciço de assistência essencial. Basta que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu dê a palavra e todas as crianças de Gaza poderão estar tomando café da manhã neste sábado”, alertou.

De acordo com o jornal israelense *Haaretz*, o desespero por comida chegou a tal ponto que palestinos trocam seus bens mais valiosos por um pouco de alimento. Abu Saleh, pai de quatro crianças de 1 a 11

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A campanha militar montada pelas Forças de Defesa de Israel (IDF), junto com a destruição de objetos indispensáveis à sobrevivência da população civil e o repetido deslocamento forçado de comunidades, aponta para uma intenção que vai muito além de derrotar o Hamas. Indica a intenção de desmantelar uma comunidade política e social funcional em Gaza, ou mesmo remover completamente o povo palestino de Gaza.”

Alex DeWaal, diretor-executivo da ONG World Peace Foundation e um dos maiores especialistas em fome no mundo

anos, decidiu trocar um pacote de 40 fraldas por um quilo de açúcar, apesar de a filha ainda precisar do acessório. Muitas famílias tentam garantir a sobrevivência e se desfazer de pertences agora considerados supérfluos ou menos necessários.

Restrições

Em nota conjunta, Reino Unido, Alemanha e França exortaram Israel a levantar “imediatamente” as restrições às entregas de ajuda em Gaza. “A catástrofe humanitária que estamos testemunhando em Gaza deve terminar imediatamente”, afirma a nota. “Pedimos ao governo israelense que suspenda imediatamente as restrições à distribuição de ajuda e permita urgentemente que a ONU e as ONGs humanitárias realizem seu trabalho de combate à fome.”

Para DeWaal, Israel parece confiante que pode atuar com total impunidade. “A maioria da população israelense parece em profunda negação sobre a profundidade do sofrimento infligido aos palestinos de Gaza. Acredito ser de vital importância que os israelenses, e todos aqueles que os apoiam ou simpatizam com eles, abram os olhos para o sofrimento. Aqueles que desumanizam os outros, desumanizam a si mesmos.”

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

Nova frente de atrito externo

As voltas com a expectativa pelo 1º de agosto, prazo fixado por Donald Trump para a aplicação do tarifaço de 50%, a diplomacia brasileira abre outra linha de confronto na frente externa. O Itamaraty vem de anunciar a adesão do país ao processo movido na Corte de Haia pela África do Sul, que acusa Israel de praticar genocídio na Faixa de Gaza.

A decisão se segue a uma sequência de atritos com o governo do premiê Benjamin Netanyahu, que declarou o presidente Lula persona non grata, em reprimenda pública feita ao embaixador brasileiro. Em resposta, o diplomata foi retirado da representação, que desde então é chefiada por um encarregado de negócios. É análoga à situação da embaixada israelense em Brasília, já que não foi concedido agrément ao novo titular indicado para o posto.

A ausência de embaixadores não configura rompimento de relações. Mas é uma indicação, na coreografia diplomática, de que elas se mantêm em patamar rebaixado

— expressão visível de discordâncias profundas entre dois governos. No caso, elas se manifestam também no forte teor da declaração final da cúpula do Brics, reunida no início do mês, no Rio, sob a presidência brasileira do bloco.

Contra a maré

Pela perspectiva de Netanyahu, a iniciativa brasileira se soma a uma sucessão de reveses diplomáticos. De saída, uma declaração em que 28 países condenam com veemência a “matança desumana” de civis palestinos, pela fome ou pela repetição de ataques das forças israelenses em postos de entrega de alimentos à população. Incidentes do tipo fizeram mais de 600 vítimas desde a recente retomada da ajuda humanitária — a cargo de uma fundação privada norte-americana, recém-criada e credenciada por Israel.

O lance mais dramático nessa contramarche diplomática foi, no entanto, o anúncio de que a França reconhecerá o

Estado palestino. A decisão será formalizada em setembro, perante a Assembleia-Geral da ONU, possivelmente pelo presidente Emmanuel Macron. O Brasil está entre mais de 140 países que já reconhecem a Palestina. Na Europa, a adesão de Paris se segue à dos governos da Espanha e Irlanda, entre outros.

Próximo capítulo

A França é copatrocinadora, com a Arábia Saudita, de uma conferência internacional destinada a impulsionar a solução de dois Estados para o conflito — uma Palestina soberana convivendo lado a lado com Israel. O encontro, na sede da ONU, em Nova York, realiza-se na semana que entra. Originalmente, estava previsto para junho, mas foi adiado em razão dos ataques de Israel ao Irã e ao revide do regime islâmico.

O Brasil foi convidado a copresidir um dos grupos de trabalho da conferência.

Vai ou racha?

Agosto bate à porta sob a sombra do tarifaço anunciado duas semanas atrás por Donald Trump. A mensagem, comunicada pelo presidente dos EUA via rede social, invoca suposto desfavorecimento no comércio bilateral — embora o Brasil acumule déficit de US\$ 40 bilhões na última década. Mas o texto aponta como primeira razão o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro por tentativa de golpe de Estado.

Desde então, o presidente Lula e importantes lideranças políticas e empresariais, além dos limites da base governista, têm rejeitado a ingerência quanto ao processo em curso no STF, classificada como ataque à soberania. Paralelamente, o vice Geraldo Ackmin coordena esforços pela abertura de negociações no terreno estritamente comercial. Uma delegação do Congresso está a caminho de Washington, mas até aqui o lado norte-americano não dá sinais de disposição para conversa.

Como que chancelando essa impressão, a embaixada dos EUA voltou a se

manifestar nas redes contra o ministro Alexandre de Moraes, que preside o julgamento no STF. No texto, ele é apontado como “o coração pulsante do complexo de perseguição e censura contra Jair Bolsonaro”. No dia em que foi anunciado o tarifaço, o Itamaraty convocou duas vezes para explicações o encarregado de negócios dos EUA — Trump não indicou novo titular para o posto após tomar posse, em janeiro.

Olho gordo

A semana chega ao fim com uma possível nova carta sobre a mesa. O encarregado da representação norte-americana, Gabriel Escobar, recebeu representantes do setor de mineração para discutir o interesse do país nas reservas brasileiras de minérios estratégicos, como o nióbio e as terras raras.

Embora vista por círculos políticos como opção a ser considerada nas negociações sobre o contencioso comercial, a ideia topa com a dura reação inicial de Lula. Durante evento público em Minas Gerais, o presidente foi taxativo: “Aqui ninguém põe a mão”.